

Uma análise crítica do livro “Desigualdade reexaminada” de Amartya Sen

Eixo Temático: GT1 – Economia Política, História do Pensamento Econômico, Economia do Trabalho, Economia Social, Economia Solidária, Cooperativismo, Tecnologias Sociais, Desigualdade Social, Sindicalismo, Movimento Estudantil e Movimentos Sociais.

Luiz Felipe de Oliveira Barbosa¹

1. Referência bibliográfica

SEN, Amartya. Desigualdade reexaminada. Rio de Janeiro: Record, 2001.

2. Apresentação do/a autor/a da obra

Premiado com o Nobel de economia em 1998, Amartya Kumar Sen é um economista, filósofo, professor e escritor que em sua história acadêmica, deixou seu legado em importantes universidades. Nascido em 1933, na cidade de Santiniketan, na Índia, Sen dedicou boa parte da sua vida aos estudos sobre desigualdade, pobreza e bem-estar, produzindo diversas obras interdisciplinares importantes para a desconstrução do paradigma neoliberal calcado na “matematização” da economia. Ele foi um dos idealizadores do *Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH) que é adotado pela ONU como um indicador muito mais sofisticado para avaliação do desenvolvimento de uma sociedade do que o *Produto Interno Bruto* (PIB), o que evidencia sua abordagem diferenciada que tem esse papel de contrapor as ideias que ligam diretamente e unicamente renda e outros indicadores a bem-estar e igualdade. O seu trabalho, que é o objeto de análise desta resenha, nos apresenta de forma clara o seu pensamento. *Desigualdade reexaminada* inicia com questionamentos acerca da igualdade, para que ela serve e para quem? Essas questões são fundamentais para a discussão a que o livro se propõe. Sen coloca as problemáticas de diversidade humana, dos focos de análise e os espaços onde isso é produzido.

¹ Discente do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) com o tema de pesquisa “Dinâmicas Territoriais na Bahia: Um estudo dos territórios de identidade litoral sul, sudoeste baiano (Vitória Da Conquista e Portal do Sertão).”

3. Breve síntese da obra

Desigualdade reexaminada aponta os desafios para a busca da igualdade de forma prática na sociedade. A proposição de espaço, que define uma teoria igualitária, é o tema inicial do trabalho. Dessa forma, Sen atesta que existem pessoas mais afetadas com a desigualdade do que outras por causa das diversidades humanas naturais, problemas sociais e de localidade e isso é suficiente para guiar os estudos sobre as nuances do bem-estar social. O conceito mais importante da obra e muito utilizado por Amartya Sen é o de “capabilities”, que permite uma análise mais aprofundada sobre características que atravessam o bem-estar do ser humano e nesse viés, é possível compreender melhor as críticas às outras teorias que permeiam a desigualdade, além de ser fundamental para a avaliação de políticas públicas que impactem de forma significativa o problema de grupos historicamente marginalizados.

4. Perspectiva teórica da obra.

A literatura que Amartya Sen apresenta neste texto, é uma perspectiva teórica de criticidade principalmente ao *welfarismo* e à teoria *rawlsiana* que focalizam suas ideias nos resultados e recursos, respectivamente. *Desigualdade Reexaminada* nos leva a confrontar essas ideias através de uma série de conceitos baseados na individualidade e diversidade humana que afeta o coletivo e que cria fenômenos sociais como pobreza, falta de liberdade e desigualdade. A abordagem de Sen caminha muito próximo à materialidade, devido à análise real do que é bem-estar, do preceito básico de viver e esta é postada contra ao utilitarismo, se tornando a maior crítica da obra ao pensamento econômico dominante.

5. Procedimentos metodológicos.

Sen utiliza um método multidisciplinar para examinar a desigualdade, realizando uma análise teórica extensa, questionando as bases filosóficas das teorias da justiça e da igualdade, “discutindo” com pensadores como John Rawls e utilitaristas. Neste livro foram desenvolvidos os conceitos de “capacidades” e “funcionamentos”, que permitiram avanços acerca do estudo da pobreza, criticando as medidas tradicionais de desigualdade, como a distribuição de renda, propondo considerar outros fatores. Amartya utiliza dados empíricos e comparações internacionais para ilustrar seus argumentos, destacando a complexidade do problema, além de discutir o papel das políticas públicas na mitigação da desigualdade. Esses procedimentos

refletem sua abordagem holística ao problema, combinando teoria filosófica, análise econômica e considerações práticas sobre a desigualdade e as políticas contra ela no mundo.

6. Conteúdo.

Em *Desigualdade reexaminada*, Amartya Sen introduz o leitor ao texto com a seguinte indagação: “*igualdade de quê?*”. Essa questão é a base para a discussão e é necessária dado que o foco da análise é questionar os preceitos básicos e simplificados da literatura principalmente econômica, portanto mais perguntas surgem a partir dessa: a mesma renda traz a mesma igualdade; traz a mesma liberdade?; A mesma cesta básica de alimentos pode levar os sujeitos sociais de um espaço a ter a mesmo nível de bem-estar alimentício?; A compra de uma mercadoria leva realmente a mesma satisfação?

São com essas dúvidas que surgem as respostas de Sen. O primeiro apontamento relevante do livro é a diversidade humana, conceito abordado de maneira individual, mas que nos apresenta uma realidade concreta, afinal todos os seres humanos têm suas peculiaridades e diferenças que podem ser dadas por vários fatores, naturais ou sociais. Independente da forma como se enxerga o problema ou as soluções deste, entende-se que um ponto de vista é a vista de um ponto, portanto a análise sempre tem seu viés. Amartya trata algo parecido quando fala sobre o foco e quais variáveis observáveis são realmente importantes e necessárias para falar sobre desigualdade, no sentido de aprofundar o debate em torno disso, além de indicadores escolhidos para realizar um estudo, é muito importante se localizar, compreender de qual local é falado e que isso influenciará na perspectiva acerca da pobreza, desigualdade, liberdade.

Essa é a primeira problematização de *Desigualdade reexaminada*, que resulta na constatação da popularidade de teorias igualitaristas, principalmente no campo da economia. Estas falam do seu espaço com o foco voltado para as satisfações/utilidades, ou seja, a igualdade seria uma “igualdade de utilidades”. No ponto de vista mercadológico e capitalista, minimiza inteiramente as aspirações não voltadas ao consumo. O foco da teoria se volta quase que inteiramente ao bem-estar a partir de um parâmetro de utilidade que é subjetivo e não libertador. É nesse momento que surge a grande diferença da teoria de Sen para a teoria utilitarista. A abordagem das capacidades traz uma visão nova e complexa para analisar o fenômeno da pobreza. As “*functions*” são estados e ações, elementos de um ser humano, como ter boa saúde, ter roupas adequadas e as “*capabilities*” são justamente este conjunto de funcionamentos que mede o quanto cada pessoa pode realizar mediante aquilo que ela tem vontade de realmente

realizar. Para ilustrar, suponha-se três opções de cesta com alimentos diversos em cada uma delas. Os funcionamentos são os alimentos (diferentes de cada cesta) e as capacidades são as cestas. A liberdade proposta nesta abordagem é a de conseguir comprar/obter a cesta que deseja com os alimentos que deseja.

Através desses conceitos que Sen traz no livro, é possível notar sua crítica aos welfaristas e utilitaristas através das funcionalidades. As teorias tradicionais se limitam a realizações (que são uma parte das funcionalidades) e aquilo que é quantificado, mercadológico e individual, já as funcionalidades nos trazem uma perspectiva diferente, até no sentido de bem-estar do ser humano. As capacidades também vão de encontro com as ideias de Rawls e o conceito de “igualdade de oportunidades”, a diversidade humana e um outro foco analítico sobre igualdade são fundamentais para analisar a diferença de cada concepção de bem e real liberdade para o sujeito social. Nesta perspectiva, *Desigualdade Reexaminada* parte de dentro para fora, ou seja, é necessário trazer esses conceitos observados no âmbito mais individual e particular e levá-los para a análise coletiva, tratando sobre pobreza e desigualdade.

Nas análises econômicas é comum vermos o estudo da pobreza e a tentativa de entender e sanar esse problema, porém o instrumental utilizado normalmente se liga quase sempre a renda ou riqueza e a intenção de Sen é colocar os problemas de privações, tanto naturais quanto os relacionados à construção social. Dito isso, ajustes na renda dos trabalhadores não são capazes de melhorar a mobilidade urbana, por exemplo, se existem pessoas que moram na periferia de uma cidade e tem dificuldades de locomoção devido a estrutura do bairro, continuarão com essas dificuldades mesmo que haja um aumento na sua renda, isso influencia na análise da política que deve ser feita. Outro exemplo importante é de alguma pessoa que destina um gasto considerável a compra de remédios, a renda de tal pessoa pode até ser maior que a média mas o seu gasto é ainda maior que a média, comprovando que a renda nem sempre pode ser usada como designação de bem-estar.

Ao longo do livro, Amartya Sen trabalha os conceitos de forma individual para que seja de melhor compreensão a visão sobre a diversidade humana, capacidades, funções, condição do agente, dentre outros, porém é caro para os economistas a concepção de sociedade e a resolução de políticas pensadas para grupos, portanto mais ao final de *Desigualdade Reexaminada*, a discussão acerca de classe, sexo e gênero é melhor desenvolvida. Assim, é importante perceber como a abordagem das capacidades compreende os problemas naturais e de construção social de uma forma muito mais contemplativa e assertiva do que outras abordagens que colocam os seres humanos em pé de igualdade, esse que quase nunca existe.

Não é o objetivo deste livro adentrar em questões políticas e sociais históricas mas a abordagem utilizada é política e questiona a materialidade da economia e as questões que podem guiar as discussões dos economistas e grandes soluções para resolução da pobreza no nosso futuro.

7. Considerações pessoais.

É de suma importância compreender a contribuição de *Desigualdade Reexaminada* e de Amartya Sen para a literatura econômica e para a discussão acerca da pobreza, desigualdade e liberdade e isso se deve a apresentação de uma forma nova e impactante de enxergar determinados problemas, tanto que o autor foi um dos idealizadores do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). Portanto, acredito que o rompimento com as teorias tradicionais de bem-estar e utilidade foram de extrema importância para novas formulações de políticas e nova compreensão da pobreza de forma macro na economia. Sen escreveu um texto complexo, mas que trabalha seus conceitos de forma repetitiva que pode ser confundida com a prolixidade, além de usar bastantes exemplos que torna mais fácil a apropriação dos termos utilizados na obra, toda essa formatação permite a aceção da ideia do autor mas mostrou em alguns momentos uma falta de profundidade em determinados problemas estruturais e sociais da sociedade. Pode-se dizer também que ele recaí em um erro que os próprios utilitaristas caíram: a economicidade exacerbada. Isso é refletido na atualidade e nas academias, e por mais que no livro haja uma tentativa de tornar a discussão política (e isso é perceptível), ainda há uma razoabilidade em determinadas questões.

As formulações de políticas públicas são importantes na situação que vivemos hoje mas não é a única saída para a pobreza nas classes mais oprimidas da sociedade. É mister compreender que além dos problemas individuais que diminuem as capacidades e funcionamentos dos sujeitos sociais, existe um coletivo que é oprimido e subjugado historicamente, portanto minha crítica é exatamente na falta de objetividade mediante o real problema que “torna as pessoas pobres” e a solução que não é proveniente dessas classes que são realmente afetadas. Quem detém os meios de produção, o poder econômico, não é privado de suas regalias e a distribuição da riqueza destes, a socialização dessa produção proveniente da classe trabalhadora, seria capaz de oportunizar cada ser humano a ter o seu funcionamento desejado, e o que não permite isso é o nosso sistema de produção, que poderia ter sido citado.

8. Glossário.



CAPABILITY capacidade

- i. não significa o mesmo que “capacidade” [*ability*] no sentido ordinário do termo, como quando se diz que “A pessoas P é capaz de nadar”, porque neste sentido, “capacidade” não implica “oportunidade”: P pode ser capaz de nadar mesmo sem ter a *oportunidade* de nadar;
- ii. “capacidade” é um termo senai que abrange “oportunidade” (Cohen 1989:941) [condições *externas* para realizar funcionamentos precisam ser de algum modo incluídas como componentes de capacidades; ver Nussbaum 1988a];
- iii. “capacidades” refletem *liberdades substantivas*: P é capaz de fazer x se, dada a oportunidade de fazer x, também poderia escolher deixar de fazer x;
- iv. como consequência de (iii), não pode inferir uma “capacidade” de um *funcionamento realizado* (p, ex. um homem que, por sua loucura, é constrangido a cantar o tempo todo, não é “capaz” de cantar; cf. Williams, in Sen et al. 1987: 96-7).

FUNCTIONINGS funcionamentos

- i. noção “*mais primitiva*” da “*abordagem da capacidade*”, quer dizer, conceito cuja definição serve para construir outros conceitos;
- ii. não é um conceito “welfarista”, isto é, *funcionamentos* não podem ser comparados, para avaliar a *vantagem individual*, como se o bem *individual* pudesse ser reduzido (identificado com) uma única medida da satisfação;
- iii. referem-se a “atividades” [*activities*] (como ver, comer) ou “*estados de existência ou ser*” [*states of existence or being*] (*como estar bem nutrido, estar livre da malária, não estar envergonhado pela pobreza da roupa vestida*); por vezes abreviados por “*ações*” [*doings*] e “estados” [*beings*];
- iv. para Aristóteles, (a) a “*função*” de uma coisa é uma atividade que distingue sua natureza de todas as outras coisas (isto é um pressuposto sobre a identidade última de algo); (b) o bem humano define-se pela atividade distintivamente humana; o uso da razão; (c) o melhor uso da razão depende da realização de diferentes *potencialidades* (capacidades); (d) o *bem propriamente humano* é a vida na qual, graças ao livre desenvolvimento dessas *potencialidades*, o exercício da razão é continuamente aperfeiçoado.

